

SOU CESÁRIA, CANTO A MORNA

Voz da "Sodade" de Cabo Verde num livro de José Manuel Simões

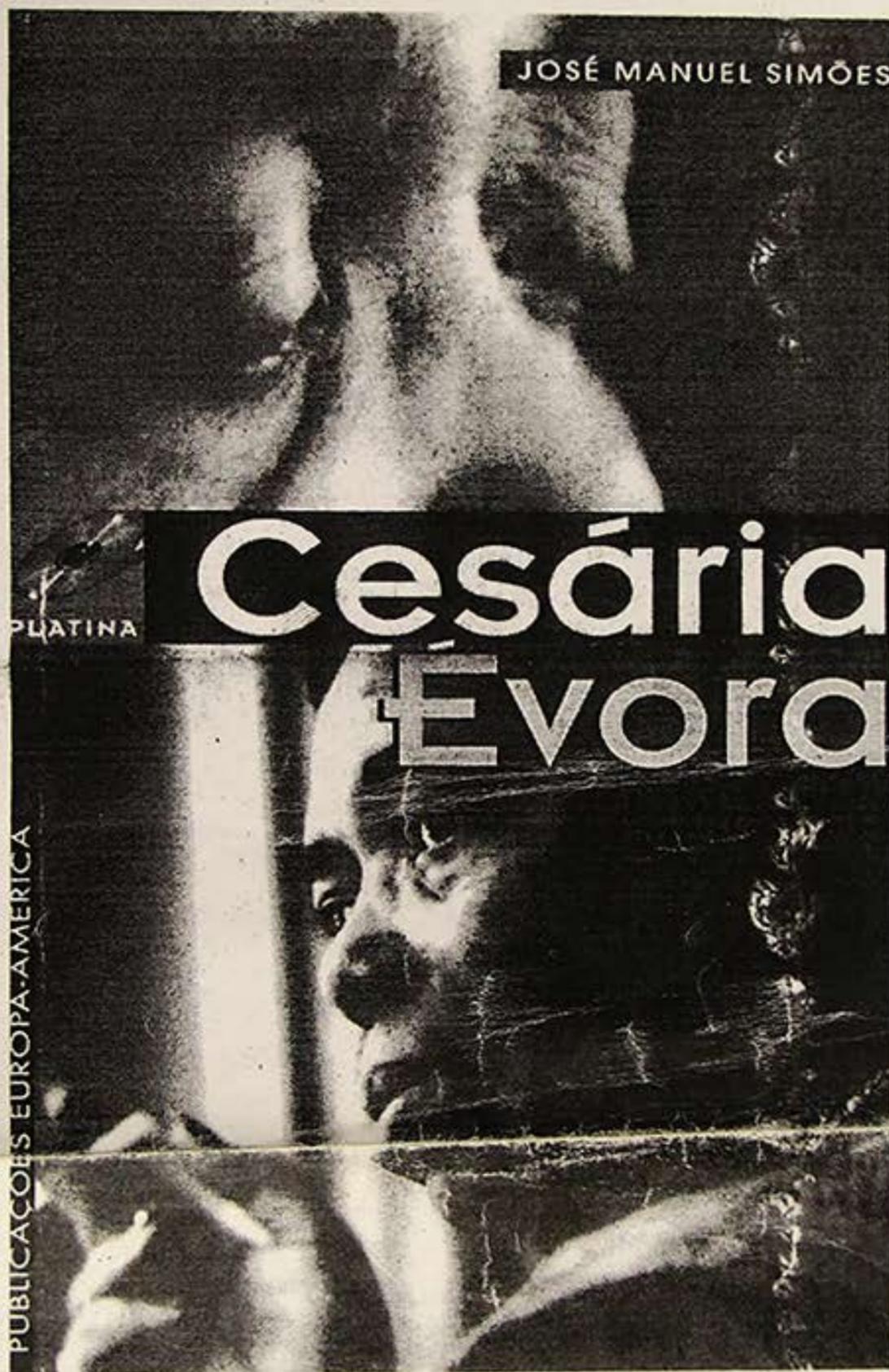
Em menos de cinco anos, entre 1990 e 1994, uma cantora de Cabo Verde passou do quase anonimato para as grandes salas de todo o mundo. É Cesária Évora, claro, que conta esse percurso, feito de talento e de uma grande vontade de cantar, num livro de José Manuel Simões.

José Gomes Bandeira

A morna tem amor, solidão, felicidade. É a vida. Dizem que quando canto fico triste, mas quando eu não canto estou sempre a rir. A dado momento do livro *Cesária Évora*, escrito pelo jornalista do JN José Manuel Simões, a "diva dos pés nus" (como lhe chamaram em França, sendo também o título à sua primeira gravação a solo) define com aquelas palavras o que a canção caboverdiana por excelência representa para si. A morna é tudo - como escreveu Manuel Ferreira, ela é o expoente máximo da sensibilidade de um povo, e isso mesmo que Cesária exprime de um modo profundamente simples.

Autêntica expressão de lirismo, como escreveu ainda aquele grande e saudoso mestre das literaturas lusófonas, a morna para Cesária é a vida: uma genuína síntese da cultura, da vida e da memória caboverdianas, que a "diva dos pés nus" sabe transmitir-nos como ninguém. A morna reúne a melhor lírica (os grandes poetas de Cabo Verde escreveram letras de mornas), a história sofrida da diáspora das ilhas atlânticas, a solidão e a dor do chamamento da terra, feitas de saudade, desejo, paixão e inconsolável distância - o drama da *terra longe*, símbolo poético dessa condição histórica.

Cesária é já um nome da história das ilhas crioulas, pela expressão singular de todos esses sentimentos e referências culturais do seu povo. *Cize* - como é carinhosamente trata-



da pelos amigos - canta a sua experiência, a sua dor, a sua alegria e a sua condição de mulher de Cabo Verde o que, na entrevista (que preenche o mais fascinante deste livro), ela exprime com grande sinceridade e lucidez. *Cize* revela-se aí uma mulher inteligente, assumindo por igual a doçura e a amargura, tal como nos habituou em palco, com o seu raro talento e com a sua belíssima voz.

Exactamente como escreve José

Manuel Simões, a morna é cantada por Cesária com invulgar respeito, descodificando a mensagem herdada do seu povo. Uma mensagem que transporta um sabor amargo.

Editado por Publicações Europa-América, *Cesária Évora* inaugura uma colecção onde José Manuel Simões publicará outros trabalhos (basicamente entrevistas, devidamente enquadradas) sobre cantores do nosso tempo. Este volume dedi-

cado a *Cize* poderá impor decisivamente o projecto do autor e da editora, *Cesária Évora* é um livro bem feito e com uma dimensão certa (94 páginas, incluindo ilustrações), reservando-nos o melhor para as confissões da cantora. Um dos traços mais sedutores e admiráveis de *Cize* é a sua coerência, a sua simplicidade e a franqueza total com que fala do seu passado. Isso está bem documentado no livro: Cesária não esconde os problemas da sua terra onde a chuva não cai durante anos a fio, nem o desencanto de alguns amores, nem o esquecimento a que era votada pelos senhores que, nos anos 50 e 60, lhe davam uns magros escudos para ir cantar às suas festas, nem o silêncio que se seguiu à independência do país, em 1975.

Com comovente grandeza, *Cize* fala dessa memória do mesmo modo que evoca a sua mãe maravilhosa e a sua avó, ou os seus filhos que os pais esqueceram, ou ainda os tempos em que bebia demais. Recorda as noites quentes na penumbra dos bares do Mindelo, hoje locais de um itinerário atlântico - desde as costas de África às Antilhas - feito de sonhos e tempestades, barcos e marinheiros de passagem, notas de um piano, mornas e solidão. O jornal "Le Monde" usou a expressão certa: Cesária é uma senhora que faz parte da aristocracia mundial de cantoras de bar. "Le Figaro" não disse menos: ela possui a voz soberba para uma música crioula dilacerante.

Cesária Évora manteve-se a mesma durante todos esses anos e não foram as salas de Londres, Paris, Tóquio, Lisboa, Porto, Montreal ou Barcelona que a fizeram mudar. Quem a quer ouvir, acompanhada por um grupo de músicos igualmente inesquecíveis, "ajoelha-se" com emoção e alegria diante desta rainha dos pés nus. Também nisto Cesária é profundamente caboverdiana.

Chega-se ao fim - neste livro onde José Manuel Simões soube guardar o melhor espaço, nas perguntas e nos silêncios, para a sua entrevistada - e temos ainda uma exaustiva discografia da cantora. (*Cesária Évora*, por José Manuel Simões, col. "Platina"; ed. Europa-América, 1997).